

**Diários de aula:** análise de diários de uma professora de um curso superior de tecnologia de Porto Alegre, RS

Marcelo Oliveira da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO** - O presente estudo busca aproximar a metodologia dos diários de aula (cf. ZABALZA, 2004), da prática de uma docente de um curso superior de tecnologia em uma faculdade da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, Brasil. Para tanto, analisamos três aulas registradas pela professora. Buscou-se identificar padrões de escrita nas anotações realizadas. Foram identificadas duas categorias principais; a primeira em relação à preparação da aula e os materiais necessários; e a segunda aparece na adjetivação das aulas, dos alunos e da própria professora. Os diários não deixam transparecer dúvidas, inquietações ou dilemas, mas permitem identificar características das aulas e da prática da docente.

**Palavras-chave:** Diário, Diários Pedagógicos, Curso Superior de Tecnologia.

**CLASSROOM DIARIES: AN ANALYSIS OF THE DIARIES OF A LECTURER  
FROM A COLLEGE OF TECHNOLOGY IN PORTO ALEGRE, BRAZIL**

*ABSTRACT - This study seeks to verify the applicability of classroom diary methodologies (cf. ZABALZA, 2004) to the everyday practice of a lecturer at a college of technology in the city of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. To do so, we analyze three classes registered by the teacher in her classroom diary. We have attempted to identify patterns in her written notes. We identified two main categories: the first regarding lesson preparation and the materials required, and the second concerning the use of adjectives related to classes, the students and the teacher herself. The teacher did not make use of her diary to express doubts, concerns or dilemmas, but rather to identify the characteristics of her classes and the practice of teaching.*

**Keywords:** diary, classroom diaries, colleges of technology.

---

<sup>1</sup> Professor da Faculdade Senac Porto Alegre e doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGE PUCRS). E-mail: moliveiras@gmail.com

## Introdução

A palavra “diário” é polissêmica. No dicionário, a terceira acepção da palavra é “obra em que se registram diária ou quase diariamente acontecimentos, impressões e confissões” (FERREIRA, 1999 p. 677). No presente estudo, buscaremos entender os diários em suas relações com o exercício da docência. Os registros das aulas em diários permitem que o professor conheça aspectos da sua personalidade? Na perspectiva trazida por Zabaza (2004), a escrita de diários de aula pode servir para a reflexão posterior do próprio professor, servindo como fonte de retroalimentação, ou seja, *feedback* constante sobre sua prática em sala de aula.

A escrita de diários é uma forma de se isolar e “de se conhecer melhor através da escrita” (ARIÈS, 1991, p. 11). A busca do autoconhecimento pela escrita é uma constante da história da civilização. Ainda na Idade Média, Santo Agostinho escreveu suas **Confissões**, que representam uma busca da comunhão com Deus por meio do texto. Ao introduzir o volume da **História da Vida Privada** que trata do período da Renascença ao Século das Luzes, Ariès (1991) afirma que, a partir do século XVI, a busca pela privacidade,

promovida, em parte, pela ascensão do Protestantismo, levou à popularização da prática da leitura silenciosa. Até então, a leitura em voz alta ainda era a forma mais comum de acesso aos livros. Por outro lado, a leitura silenciosa permitia que as pessoas formassem sua própria interpretação do texto. Dessa forma, tornando-se mais íntima e introspectiva.

A busca pelo autoconhecimento e pela privacidade, somadas à prática da leitura individual, levaram a um novo interesse pela escrita autobiográfica. Nesse contexto, “são o diário íntimo, as cartas, as confissões de modo geral, a *literatura autógrafa* que atesta os progressos da alfabetização e uma relação estabelecida entre leitura, escrita e autoconhecimento [grifo do autor]” (ARIÈS, 1991, p. 11). Essa é a principal característica atribuída ao diário ao longo da história: texto de caráter pessoal, secreto e íntimo. Os diários ajudam a entender uma época e seus costumes, e também a personalidade e as inquietações de quem os escreve, bem como os costumes e práticas de determinada época.

Esses diários pessoais, íntimos e, em muitos casos, literários, são os que Zabaza descreve como de escrita “criativa e poética”, na qual “a narração

responde não apenas aos critérios de refletir a realidade (como no modelo jornalístico) como à possibilidade de imaginar ou recriar as situações que se narram” (2004, p.15). No presente artigo, debruçamos sobre os diários de aula na perspectiva proposta por Zabalza (2004), para entender a prática de uma professora de um curso superior de tecnologia. Os mesmos dados serviram para análise anterior em comparação com os diários de outros professores. Para tanto, traçamos algumas considerações sobre diários de aula, apresentamos os caminhos metodológicos. Como principal achado, podemos afirmar que os diários analisados trazem aspectos formais do andamento e clima da aula. Os diários não revelam dilemas, nem apresentam a escrita de forma catártica.

### **Diários de aula**

Todas as formas de diário permitem o autoexame e, portanto, o autoconhecimento. Zabalza (2004), em sua obra, trata de um subgênero específico: os “diários de aula”, que não são estritamente planos de aula, registros de presença ou de conteúdos ministrados. Entretanto, os dois aspectos – o pessoal e o do registro – estão conjugados na proposta metodológica do autor. Nessa

forma de diário, o objetivo do autoexame – com a vantagem do distanciamento temporal que o texto nos proporciona – está presente. Nas palavras do autor: “[e]screver sobre si mesmo traz consigo a realização dos processos a que antes referimos: racionaliza-se a vivência ao escrevê-la, [...] reconstrói[-se] a experiência, com isso dando a possibilidade de distanciamento e de análise” (2004, p. 18).

Mello (2003, s/p), complementando essa ideia, entende que o diário de aula é o instrumento que serve para “expressar qual é o estado atual da nossa investigação sobre o pensamento do aluno em formação, naquilo que se refere à parcela específica do trabalho desenvolvido em sala de aula”. Já na visão de Alves (2004, p. 227), para podermos trabalhar com diários, devemos tomar posicionamento “face à sua utilização, com a requerida confiança na sua possibilidade de *traduzirem*, válida e fielmente, o *pensamento e experiências* dos seus autores” [grifos do autor]. Nesse entendimento, os diários de aula possibilitam a análise de quatro âmbitos: o mundo pessoal, os dilemas, a avaliação e o reajuste de processos, bem como perceber o desenvolvimento profissional do professor.

O exercício da docência é bastante solitário, mesmo que em uma sala de aula tenhamos cinquenta alunos inquietos, por exemplo. O que acontece em sala de aula dificilmente é registrado; em alguns casos, é compartilhado na sala de professores quando há oportunidade, em geral, acontece quando o relato é mais sério e merece ser dividido. Para Zabalza (2004, p. 17), “os diários permitem aos professores revisar elementos de seu mundo pessoal que frequentemente permanecem ocultos à sua própria percepção, enquanto está envolvido nas ações cotidianas de trabalho”. O diário permite que, ao escrevermos sobre nossas “vivências e emoções”, possamos organizá-las, ter uma análise distanciada e, talvez, dividi-las com nossos colegas.

Os diários também são uma forma de explicitar os nossos próprios dilemas em relação à atuação profissional como docentes. Zabalza (2004) conceitua dilemas como:

[...] constructos descritivos (isto é, identificam situações dialéticas e/ou conflitantes que ocorrem nos processos dialéticos) e próximos à realidade: se referem não a grandes esquemas conceituais, mas a atuações específicas concernentes a situações problemáticas no desenvolvimento da aula (ZABALZA, 2004, p.19).

Os dilemas fazem parte da ação docente, pois são fruto das reflexões

sobre as decisões que o professor deve tomar, impasses enfrentados entre o ideal e o que é possível naquele momento: a gestão prática da aula. No entendimento do referido autor, é pela utilização do diário que o professor pode deixar claro ou implícito quais dilemas o perturbam, e de quais mecanismos dispõe para resolvê-los. Esses dilemas perpassam, muitas vezes, a dicotomia entre a vida pessoal e profissional. Não há como separar os dilemas pessoais daqueles vividos em sala de aula.

A terceira análise aborda os diários como acesso à avaliação e ao reajuste de processos didáticos, permitindo ao docente um distanciamento reflexivo da sua prática. Para Zabalza (2004, p. 24), os diários podem se tornar “o registro mais ou menos sistemático do que acontece nas nossas aulas”, de modo a extrair uma “espécie de radiografia de nossa docência”. Porlan (1987 apud ZABALZA, 2004) estabelece um conjunto de operações que podem auxiliar nessa reflexão: (a) acumular informação significativa sobre o processo ensino-aprendizagem; (b) acumular informação histórica sobre a aula e seu entorno; (c) registrar momentos, identificar problemas e acompanhar temas de interesse; (d) analisar dados e

refletir; (e) buscar solução para problemas; e (f) usar o próprio diário como objeto de pesquisa.

Os diários de aula podem se constituir um recurso para o desenvolvimento profissional permanente, pois, após realizarmos as etapas anteriores, estaremos, certamente, em melhores condições de entendermos e revermos a nossa prática docente. Nesse sentido, Zabalza (2004) estabelece cinco etapas cíclicas: (1) tomada de consciência dos seus próprios atos; (2) aproximação analítica com relação às práticas profissionais; (3) aprofundamento da compreensão do significado das ações; (4) tomada de decisões e de iniciativas de melhorias; e (5) início de um novo ciclo de atuação profissional. Zabalza (2004, p.29) acredita que é “justamente assim que nos instalamos em um circuito permanente de melhoria da qualidade de nossa atividade profissional”. Entretanto, esse processo reflexivo é penoso e nem sempre o professor está disposto a iniciá-lo.

O mesmo autor acrescenta ainda outros aspectos do uso dos diários: (a) o sujeito se acostuma a refletir e retorna, narrando o que aconteceu; (b) acostuma-se a escrever; (c) encontra no texto *feedback* imediato e permanente; (d)

divide mais facilmente experiências e pode trabalhar de modo cooperativo; (e) pode usar seu texto em conjunto ou de forma complementar a outras metodologias de trabalho. A partir dessas considerações, podemos pensar nas múltiplas possibilidades de utilização dos diários, sejam elas como mecanismo de catarse dos dilemas, como registro da prática docente que permita a reflexão, ou ainda como mecanismo auxiliar na avaliação dos alunos e da turma.

Em sua experiência, Zabalza (2004) identificou três tipos de diários. O primeiro deles é aquele em que aparece a aula organizada em sua estrutura, assemelhando-se, portanto, ao planejamento de aula. O segundo tipo é o que apresenta descrição de tarefas, que podem ser minuciosas em alguns casos ou apenas identificadas em outros. Nesse tipo de diário, é comum aparecerem os objetivos estabelecidos pelo professor com relação à determinada atividade, o que permite entender a dinâmica das aulas. A terceira e última vertente de diários identificada pelo autor é o diário expressivo e autoexpressivo. Esses diários estão centrados nas pessoas que participam do processo, como se percebem, como atuam, o que sentem. Nesse caso, o “fator pessoal predomina

sobre o fator tarefa” (p. 62). Encontramos ainda diários mistos, que combinam características dos três grupos.

No entendimento de Silva e Duarte:

[...] para que tudo isto se torne possível, o professor deve elaborar descrições dos acontecimentos que ultrapassem o nível do simples relato e contemplem a análise das causas que o motivaram e das suas consequências. Mais, não deve apenas problematizar a prática, mas procurar hipóteses bem fundamentadas que constituam alternativas de acção. (SILVA; DUARTE, 2001, p. 74)

Dessa forma, as autoras asseveram que o diário de aula deve ir além da mera descrição de fatos e comportamentos para poder aprofundar as questões emergentes da prática da sala de aula. As autoras propõem que os diários de aula sejam utilizados como ferramenta na formação de professores e que, por meio deles, seja possibilitada a reflexão e ação mais efetiva na prática do professor.

Na percepção de Hammouti (2002), o diário pode ser utilizado de diversas formas: (a) como metodologia de pesquisa, na coleta de dados e como fonte de análise da subjetividade do escritor do diário; (b) como possibilidade de formação continuada de professores, desenvolvimento profissional e pessoal, oportunidade de reflexão por meio das

práticas pedagógicas e seus resultados; (c) como método de intervenção na realidade, por meio da pesquisa-ação.

O autor propõe outro tipo de diário – o “Diário Etnográfico Profano”, que é “um registro feito no dia a dia, de acontecimentos e eventos cotidianos, ordinários e extraordinários”, a partir “da observação participante da vida social dos grupos e instituições das quais os ‘diaristas’ fazem parte integrante” (HAMMOUTI, 2002, p. 13). Os “diaristas” podem ser tanto professores quanto alunos, proporcionando uma “autoanálise coletiva da instituição educativa ou do projeto institucional, pedagógico, político e social” (p. 17).

### **Aspectos metodológicos**

Para entendermos o contexto em que está inserido o presente estudo, valem algumas considerações metodológicas. O autor trabalha em uma instituição de ensino superior, que oferece majoritariamente cursos de graduação tecnológica, dessa forma, solicitou aos colegas que elaborassem diários de aula, como prática reflexiva. Os dados aqui analisados foram anteriormente publicados, com outro foco – a escrita reflexiva desses professores sujeitos da pesquisa. A análise realizada

no presente artigo está direcionada aos registros de uma das professoras que concordou em participar da pesquisa. A professora, sujeito da pesquisa, entregou o registro de três dias de aula.

O presente estudo é fruto de análise realizada posteriormente, com os mesmos dados coletados. Decidimos combinar a técnica de análise de dados proposta por Bardin (1999) com a proposta de análise de Zabalza (2004) aos diários entregues por uma das professoras. Seguimos o proposto por Zabalza (2004, p. 58-59) como metodologia: uma primeira “leitura exploratória” para evitar uma tipificação prematura; uma “segunda leitura, com anotações à margem e seleção de afirmações e dados relevantes”.

A segunda leitura deve seguir três focos de atenção: (a) as pautas ou *patterns* (padrões), que permitem uma caracterização descritiva da aula; (b) os dilemas que professor apresenta, ou o conjunto de aspectos que o professor apresenta como problemáticos e que resultam em preocupações, incertezas ou reflexões; e (c) as tarefas realizadas em aula, com relação às estratégias usadas pelo professor para cada aprendizagem pretendida. Na análise, o foco se voltará

aos padrões identificados no diário de aula.

### **Análise de dados**

A professora, ora sujeito de pesquisa, leciona em um curso de graduação tecnológica, e disponibilizou três registros de suas aulas. Pela leitura flutuante, pudemos perceber que os diários seguem um mesmo esquema em sua organização: preparação das aulas, materiais que serão utilizados e prazos; em seguida, estabelece os objetivos da aula; logo, há uma descrição de como os alunos se comportaram; por fim, características da professora que influenciam o comprometimento dos alunos e o bom andamento das aulas.

Nos diários, pouco encontramos dilemas, dúvidas, angústias ou inquietações vivenciados pela professora. Sua escrita é bastante direta, objetiva e, portanto, pouco pessoal. Os diários analisados estão em desacordo com uma das possibilidades propostas por Zabalza (2004) para o uso do diário de aula, que é a escrita como forma de reflexão da prática do professor, proporcionando o autoconhecimento. O diário estimula a autoinvestigação, o professor como seu próprio investigador.

Os diários da docente revelam algumas práticas pedagógicas: planejamento, execução e percepção da aula. Entretanto, não se caracteriza como escrita reflexiva. Um exemplo se encontra no seguinte registro da primeira aula no diário:

**Objetivos alcançados (cfe previsto p/aula inicial): levar ao conhecimento dos alunos...**

**1º - Apresentação** dos professores (havia tb o professor que irá desenvolver as ações práticas da U.E.[Unidade de estudo]) e acadêmicos.

**2º - Plano da U. E.** – ementa e proposta de competências; focos temáticos; estratégias de ensino e aprendizagem; avaliação de processo; bibliografia básica e complementar.

**3º - Fundamentos (conceitos iniciais)**  
[...]

**4º - Finalização da aula** com entrega das cópias dos textos p/leitura e estudo [...]. [grifos da docente]

Quando a docente estabelece os passos que foram seguidos nas aulas, como em um plano de aula, já avisa de antemão que os objetivos foram alcançados de forma satisfatória. Dessa forma, não deixa margem para dúvidas – planejamento realizado, objetivos cumpridos, “ações que comprometem o aluno e adquirem respeito e segurança pelo ensino a ser ministrado”. Nos outros diários analisados, a professora segue o mesmo tipo de esquematização. Trata-se do que Zabalza (2004, p. 61) chama de “diário como descrição das tarefas”: no

caso deste diário, a docente apresenta as tarefas e tece alguns comentários sobre o desenvolvimento das mesmas. Dessa forma, vale o questionamento sobre as possibilidades de reflexão, em um registro que revela pouco sobre a condição da professora em sala de aula, suas inquietações e dilemas. Entretanto, os diários apresentados são bastante reveladores da proposta pedagógica, da formatação da aula e da autoimagem da professora.

Em um segundo momento da análise, buscamos identificar padrões nos diários analisados e suas recorrências. Chamaram nossa atenção duas categorias principais na leitura dos diários. A primeira categoria apresenta o planejamento e o uso dos materiais didáticos; já a segunda identifica a caracterização do clima da aula e do comportamento, além de atitudes dos alunos e as representações da própria docente. A segunda categoria foi dividida em quatro quadros, em que são apresentadas as qualidades atribuídas a cada uma das subcategorias.

A seguir, apresentamos o Quadro 1, que resume a primeira categoria a ser analisada.



Quadro 1 – Planejamento e materiais

Diário 1	Diário 2	Diário 3
orientações da coordenação	--	padrões e orientações
normativas da IES	normativas das IES	normativas das IES
antecedência (2)	antecedência	
--	conforme cronograma	conforme cronograma
--	utilização adequada do quadro	utilização adequada do material e do quadro
entrega dos materiais e documentos de apoio	disponibilizar materiais e documentos de apoio	entrega dos materiais e documentos de apoio

Fonte: do Autor do artigo

Pelas recorrências identificadas nos diários, podemos entender que a professora preza pelo cumprimento do que é determinado pela instituição e das orientações recebidas da coordenação de curso. Como a organização parece ser fundamental para a professora, o planejamento com antecedência, que é exigido pela Instituição para agendamento de materiais, salas e fotocópias, aparece duas vezes no primeiro diário e uma no segundo. Nesse planejamento, a professora estabelece um cronograma, que, ao menos nas aulas descritas, foi seguido à risca.

O resultado de seguir as regras e orientações, planejar e executar o cronograma, utilizar métodos e materiais de forma adequada e entregar materiais de apoio, leva, na percepção da docente,

a uma boa aula. Algumas dessas atribuições são frequentemente encaradas pelos professores como tarefas de menor importância, até mesmo pelo seu caráter burocrático. Entretanto, percebemos, pelos registros analisados, que a docente entende o planejamento, agendamento de materiais e execução do cronograma como questões fundamentais para as atividades em sala de aula. Dessa forma, esses aspectos se refletem diretamente na relação com a aprendizagem dos alunos, segundo os registros analisados.

As aulas registradas em forma de diário seguem o mesmo padrão de escrita. Em três diários, a professora repete a mesma frase em relação ao planejamento da aula: “Utilização adequada do quadro branco e canetas marcadores nas cores preta, azul e vermelha”. Seguindo esse raciocínio, a docente acredita que o “uso adequado e correto do quadro branco com canetas de cores diversas é um ótimo recurso para um ensino-aprendizagem de boa qualidade”. Em conversa posterior a entrega dos diários, a professora relatou que seria interessante que houvesse um formulário padrão para a escrita de diários. Dessa forma, contrariando a proposta de uma escrita catártica e reflexiva dos diários de aula.

Um segundo padrão encontrado nos diários se encontra nas palavras utilizadas pela professora para descrever as aulas, os alunos e a si mesma. No Quadro 2, apresentamos a caracterização realizada pela professora das suas aulas.

Quadro 2 – Caracterização das aulas

Diário 1	Diário 2	Diário 3
gratificante	--	--
clima e ambiente descontraído e leve	clima e ambiente descontraído	clima e ambiente descontraído
--	--	discussões de casos [...] ilustraram a aula
--	[...] sempre são motivo de atenção dos alunos	--
--	ilustrar com vídeos e slides	--

Fonte: do Autor do artigo

Em relação às representações sobre o espaço da sala de aula, a professora identifica, nos três diários que as aulas transcorreram em um “clima e ambiente descontraído; no primeiro diário, aparece ainda o adjetivo “leve”. Pela leitura dos diários, fica claro que há uma preocupação da professora em relação ao ambiente de sala de aula e, também, que percebe que o clima é amistoso e informal.

Há apenas uma representação pessoal sobre o sentimento da professora em relação à prática de sala de aula no

primeiro registro: “Este dia de aula foi gratificante”. Mesmo que não apareça em outros diários, mantivemos como caracterização da aula, pela relevância de ser a única expressão da docente em relação a seus sentimentos.

A professora também retrata que os conteúdos ministrados permitem “discussões de casos”, ou seja, a professora e os alunos trazem exemplos que “ilustra[m] a aula”. Como estamos inseridos no contexto de um curso de tecnologia, é esperado que os alunos e os professores estabeleçam ligações entre a teoria com exemplos práticos, com a realidade e com as experiências vivenciadas. A professora acrescenta que o uso de vídeos e slides são “boas alternativas para o turno da noite”. Aqui, podemos entender a prática docente no contexto dos alunos do noturno, pois, em geral, chegam cansados, direto do trabalho para a aula. O professor precisa utilizar métodos que os mantenham acordados, participativos e atentos.

Seguindo essa caracterização, a professora utiliza mais adjetivos para descrever a postura e comportamento dos alunos do que para a própria aula. Elencamos essas representações no Quadro 3 a seguir:

Quadro 3 – Caracterização dos alunos

Diário 1	Diário 2	Diário 3
concentrados, interessados e participativos	interessados e participativos	concentrados, interessados e participativos; demonstraram interesse
intervenções pertinentes	<i>Nihil</i>	intervenções pertinentes
experiências de vida (ilustrações)	experiências dos alunos e familiares	experiências de vida
--	alunos reflexivos	--
--	comprometidos	--
--	vivências em estágios	já estagiou ou trabalha na área; experiências de vida e do trabalho

Fonte: do Autor do artigo

Nos diários analisados aparecem características dos alunos relacionadas à sua postura em sala de aula: “Alguns alunos mostraram-se interessados e participativos. Houve interesse dos alunos em saber quais medidas preventivas”. Nos outros dois diários, os alunos são descritos como “concentrados, interessados e participativos”. No segundo registro do diário, os discentes aparecem como reflexivos sobre as suas próprias práticas e experiências, e comprometidos com a aprendizagem. Os alunos realizam “intervenções pertinentes”, pois trazem suas “experiências de vida”, de estágio e

trabalho e de seus familiares para que ilustrem a aula.

Os alunos da Instituição estudada, na sua maioria, vêm do mundo do trabalho. Alguns, que apenas estudam, logo conseguem estágio na área. Dessa forma, o comportamento atribuído pela professora aos alunos é comum na Faculdade. Ressaltamos que não há registro de situações que possam interferir negativamente nas aulas registradas. Nessa categoria, aparecem os registros que Zabalza (2004, p. 62) chama “de diários como expressão das características dos alunos”. O autor identifica uma característica forte nesse tipo de diário: “o diário é uma constante referência a nomes de alunos, ao que cada um deles faz, a como vão evoluindo, a como o professor os vê”. Nos diários estudados, a referência aos alunos é sempre no coletivo (“os alunos”, “alguns alunos”), e não há individualizações, como na conceituação de Zabalza.

Entretanto, podemos pensar na realidade de um professor do ensino superior, que tem várias turmas repletas de alunos, atua em mais de uma instituição, em mais de um curso. No caso do curso em que os diários foram desenvolvidos, por se tratar de uma turma de terceiro semestre, a média de alunos é

de trinta por turno. A única pessoa que tem registro com nome e atitude é a assessora pedagógica da mantenedora, que vista as aulas para avaliar a prática docente. A observação da assessora foi retratada da seguinte forma: “Devo registrar que nos dois últimos períodos recebi a visita da Prof. [nome suprimido], que realizou a supervisão pedagógica de minha conduta nesta aula, tendo recebido ao final dos períodos a devolução da avaliação”. Nesse caso, a docente não teceu comentários de como se sentiu, ou qual foi o *feedback* recebido.

Além disso, não há como saber se a presença da assessora pedagógica interferiu no andamento da aula, ou no ambiente, ou nos sentimentos e ações da professora, exceto quando esta afirma: “sendo que a participação e colaboração dos alunos e da Prof. [nome suprimido] nas discussões de casos já identificados ilustram sobremaneira a aula”. Como trabalho diretamente com a assessora pedagógica, pude ouvir vários relatos dessa participação ativa na observação da aula – quando gosta da aula, empolga-se e participa ativamente como se fosse uma aluna. Outros professores relataram de maneira informal que sentiram certo desconforto com a presença de uma pessoa que os estava avaliando.

Entretanto, a docente recorre à autoexpressão ao descrever suas habilidades e competências. Retratamos a autoimagem da docente no Quadro 4:

Quadro 4 – Autoimagem da professora

Diário 1	Diário 2	Diário 3
pontualidade	--	--
segurança	segurança demonstrada	segurança
organização	--	organização
--	experiência; conhecimento; domínio;	--
entrega dos materiais e documentos de apoio	disponibilizar materiais e documentos de apoio	entrega dos materiais e documentos de apoio
--	ilustrar com vídeos e slides	--

Fonte: do Autor do artigo

Pela análise do Quadro 4, podemos perceber que algumas atitudes, no entendimento da professora, levam ao comprometimento do aluno: pontualidade, segurança, experiência, domínio de conteúdos e organização. Aqui, o professor se torna um modelo a ser seguido pela turma – por exemplo, se o professor chega atrasado, não pode cobrar pontualidade dos alunos. A proposta da professora parece ser a de um círculo virtuoso entre o modelo de conduta adotado por ela e o exigido dos alunos.

Outra questão que aparece nos três diários analisados é o comprometimento em entregar aos alunos

materiais (fotocópias, lista de bibliografia, casos para estudo) com antecedência (tempo hábil para o acesso). Dessa maneira, a relevância conferida ao planejamento perpassa a descrição da aula e da própria descrição da atuação da professora. Com esse entendimento, poderíamos pensar que o planejamento evitaria possíveis percalços nas relações estabelecidas entre professor e alunos e entre professor e instituição (coordenação de curso).

Complementando as ideias anteriormente trazidas, a professora enaltece suas próprias qualidades de forma repetida em seu diário, como a seguir:

A experiência e conhecimento prático da professora, segurança e organização demonstrada ao fundamentar o tema em estudo e a entrega dos materiais e documentos de apoio instrucionais necessários são essenciais para desenvolver um estudo e ensino de boa qualidade.

É claro que esses elementos também instrumentalizam uma boa aula. Nem sempre temos a possibilidade de trabalhar nas melhores condições físicas, psíquicas e de infraestrutura institucional. Problemas acontecem com certa frequência no fazer docente. Às vezes, inclusive, não conseguimos controlar interferências externas, como a presença

da assessora pedagógica para efetuar uma avaliação. Por mais experiência, reflexão e conteúdo que tenhamos acumulado em nossa vivência de sala de aula, sempre há novas situações que devemos enfrentar. A experiência docente e suas relações com os imprevistos valeria uma investigação posterior.

No relato inicial de Zabalza (2004, p. 09) sobre as primeiras experiências ao escrever um diário, o autor relembra: “Naquela ocasião, escrever um *diário* foi como travar uma espécie de diálogo comigo mesmo, tratar de racionalizar ao acabar a jornada” [grifo do autor]. Haveria que investigar se essa necessidade de catarse permanece com o acúmulo de experiência, ou se o distanciamento proposto pelo diário de aula não se faz mais necessário. Outra inquietação que nos surge é em relação ao “circulo de melhoria” identificado por Zabalza (2004) como um dos principais resultados da escrita de diários. Esse círculo de melhoria é “capaz de nos introduzir em uma dinâmica de revisão e enriquecimento da *consciência*” [grifo do autor] (p. 11). De modo, que essas reflexões não se encerram com a elaboração deste artigo.

### Considerações finais

De modo a encerrar a reflexão proposta, apresentamos algumas considerações. O estudo dos diários de aula pode ser tão fascinante quanto os relatos dos diários literários. Nos dois tipos, encontramos revelações de traços da personalidade, inquietações e idiosincrasias do “diarista”.

Os professores, por meio de sua escrita, também revelam suas práticas e aspectos de sua personalidade da mesma forma que na literatura. Nos diários, aprendemos sobre os costumes de uma época (prática) e sobre as crenças de quem registrou seus pensamentos. Barcellos (2009, p.15), um pesquisador da área de História que estuda diários dos mais diversos, admite que os “diaristas” gostam “de ver a imagem que cada um faz de si”; dessa maneira, revelamos nossa autoimagem, como no caso estudado.

Cada relato pode ser interpretado de forma diferente pelos leitores. A autoimagem refletida no diário nem sempre é a mesma do leitor. Nos diários analisados, a professora ressalta a organização da instituição e da professora como os fatores mais importantes para o sucesso de uma aula. Os registros não apresentam dilemas ou reflexões

pedagógicas em profundidade na sua escrita. Por outro lado, a professora está sempre preocupada com o processo de ensino-aprendizagem, com o crescimento dos alunos, e utiliza metodologias distintas (ao que tudo indica, bem aplicadas a suas aulas).

Zabalza (2004, p.142) acredita que devemos escrever um diário “quando sentimos que estamos sendo muito pressionados ou acumulando muita tensão interna.” Segue afirmando que “o diário nos oferece um mecanismo de *catarse protegida* [grifo do autor]”. A professora tem uma longa carreira na docência, e já foi coordenadora de curso, o que talvez tenha ligação direta com o não aparecimento de dilemas em seus diários. Por outro lado, é possível que tenha desenvolvido certo receio de fazer essa *catarse* e de se expor.

Na obra **Diários de aula**, encontramos frequentemente a preocupação do autor com a reflexão – o diário serve para que o profissional tenha um distanciamento da sua própria prática, e possa reavaliá-la. A velocidade, que nos leva de semestre a semestre, frequentemente não permite aos professores a parada necessária para a reflexão sobre sua prática pedagógica. Se não pararmos, ordenarmos nossos

pensamentos e analisarmos nosso fazer docente, como seremos melhores professores? A prática do diário pode ser a resposta para alguns professores, que se interessem em embarcar nesse exercício constante e desafiador.

## Referências

ALVES, Francisco Cordeiro. Diário – um contributo para o desenvolvimento profissional dos professores e estudo de seus dilemas. **Millenium** Revista on-line, n. 29, I, 2004. Disponível em: <[http://www.ipv.pt/millenium/Millenium\\_29/30.pdf](http://www.ipv.pt/millenium/Millenium_29/30.pdf)> Acesso em: 01 dez. 2009.

ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: CHARTIER, Roger (org.). **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes**. vol 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 7-19.

BARCELLOS, Sérgio da Silva. Voyeurismo ortográfico. In: **Piauí**. n. 38, nov. 2009, p.15.

HAMMOUTI, Nour-Din. Diários etnográficos “profanos” na formação e pesquisa educacional. **SEE: Sociedade Europeia de Etnografia da Educação**. 2002. p. 10-18 <<http://socioconstructivismo.unizar.es/wp-content/uploads/2010/07/REE2.pdf>> Acesso em: 19 nov. 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MELLO, Lucrécia Stringheta. Diário de aula e a formação docente: A relação

entre a leitura escrita e a produção do conhecimento. 14º congresso de leitura do Brasil. **Anais**. Jun. 2003. Disponível em:

<<http://www.alb.com.br/anais14/Sem11/C11017.doc>> Acesso em: 2 dez. 2009.

SILVA, Maria Helena Santos; DUARTE, Maria da Conceição. O diário de aula na formação de professores reflexivos: resultados de uma experiência com professores estagiários de Biologia/Geologia. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**. ABRAPEC, v. 1, n. 2, p.73-84, 2001.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

*Artigo submetido em setembro de 2013*  
*Artigo aceito em dezembro de 2013*